

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MIRIAM TEIXEIRA DE GODOY

O CONTATO COM MÍDIAS ÁUDIO-VISUAIS: DESAFIOS NA APRENDIZAGEM

CURITIBA

2018

MIRIAM TEIXEIRA DE GODOY

O CONTATO COM MÍDIAS ÁUDIO- VISUAIS: DESAFIOS NA APRENDIZAGEM

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso Especialização em Mídias Integradas na Educação 2016-2018, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Élson Faxina.

CURITIBA

2018

O contato com mídias áudio visuais: desafios na aprendizagem

Miriam Teixeira de Godoy

RESUMO

A presente pesquisa sobre a melhoria da aprendizagem a partir das redes sociais é importante no campo teórico porque as mídias desde que surgiram têm mudado comportamentos e formas de comunicação e interação entre os seres humanos, alterado as dinâmicas de tempo e espaço e o mundo em nível social, econômico, produtivo, cultural e intelectual. Estudar hoje em dia não tem mais a mesma configuração de antigamente, a mídia mudou a vida e as formas de comunicar e informar do ser humano. Partindo desse ponto de vista observaremos duas turmas cursando o mesmo ano diante de um tema exposto pelo professor de formas diferentes: tradicional e inovador. Usando metodologia interpretativa das ações e resultados com o objetivo de descrever e explicar os avanços proporcionados por uma nova forma de ensinar. Onde o professor deixa de ser o transmissor de conhecimentos e passa a ser o agente motivador, provocador no processo de aprender. Onde os educando na segunda abordagem receberão a introdução do tema e serão provocados a pesquisar e envolver pessoas diversas no estudo para ajudá-las a trazerem num tempo determinado um produto ou resultado de seus estudos para ser socializado com todos. As perguntas que pretendemos responder com esse trabalho são se o aprender e ensinar consegue ser produzidos fora da escola e se podem mobilizar outras pessoas que não só os alunos. Estas questões precisam ser teorizadas e ser bem compreendidas para que possamos entender até que ponto o trabalho com mídias qualifica a educação. No campo prático é preciso analisar se o aluno apreende mais conteúdo com o apoio das mídias ou se o aprendizado se torna mais atraente e colocado como mais uma forma de entretenimento. A pesquisa nos colocou diante do aluno que não sabíamos se estava construindo conhecimento ou criando vídeos e áudios facilmente descartados pela memória e nos apontou que as novas tecnologias ampliam o conhecimento da forma como o aluno aprende e como os conteúdos podem ser mais bem avaliados e que o ensino tradicional engessa a aprendizagem na medida em que induz o aluno a chegar a respostas e aprendizados esperados. Depois deste artigo acredito melhorar a ação educadora nos tempos atuais.

Palavras-chave: Educação Qualificação Entretenimento

1 INTRODUÇÃO

Com as mídias digitais, notícias, informações, entretenimento, podem ser acessadas, em qualquer momento, de qualquer lugar para qualquer outro lugar. Isso provoca transformações radicais nos modos de se informar, aprender, conhecer. Não são poucos os autores que têm defendido a ideia de que a inteligência humana hoje se encontra expandida em uma inteligência coletiva, de caráter planetário, em ritmo exponencial. A cultura digital rompe e mistura espaços: não existe mais conteúdo escolar, do lar, do trabalho, do lazer. Levando em consideração apenas o que diz respeito à educação, é preciso levar em conta que os dispositivos digitais, especialmente aqueles de caráter móvel, estão propiciando novas formas de aprendizagem, ou seja, a qualquer tempo, de qualquer lugar, que ocorre ao sabor das circunstâncias no movimento vertente da vida. Diante disso, como estabelecer distinções precisas entre aprendizagem formal, planejada, sistematizada, organizada, de um lado, e aprendizagem informal, contingente, descontínua, caótica e ubíqua, de outro? Como conceber novas formas de ensino que possibilitem o intercâmbio desses dois modos de aprender? Como incorporar a informação descontínua e fragmentária que é própria das redes sociais, no contínuo e cumulativo que é próprio do saber protegido pela memória? Assumindo esse desafio a escola pode levar a aula para fora dos espaços, tempos e personagens escolares.

Nesta pesquisa vamos dar novo espaço à aula e formar grupos de estudo que vão além do professor, aluno e colegas de turma. O aluno sairá da aula com um tema provocativo e cujo estudo se desenvolverá a partir das ferramentas midiáticas disponíveis a ele e sua comunidade. É fundamental discutir a importância de se conhecer o poder da mídia no cotidiano das pessoas, para a partilha conjunta de significados e compreensão crítica da contemporaneidade. Em uma formação distante do espaço físico da escola descobrimos como é possível a comunicação num contexto em que o contato presencial não é condição para a relação educativa. Saídas alternativas para a superação do impasse de uma educação à distância para uma educação sem distância. Consideram a importância do desenvolvimento da autonomia intelectual dos sujeitos aprendentes, a partir de intervenções pedagógicas que possibilitem espaços de expressão, participação e criatividade. Nesta pesquisa que envolve mídias trabalhamos em uma perspectiva dialógica.

Para compreender as concepções de aula e sala de aula na contemporaneidade é preciso, antes de tudo, entender aspectos relacionados à sala de aula presencial, bem como entender algumas atitudes docentes e da escola, que revelam resistência em reconhecer a inevitável inserção dos estudantes na cultura digital. Trabalharei com alunos do segundo ano do ensino fundamental da escola pública. Para ilustrar esse conceito numa das turmas usarei o método tradicional de ensino onde o professor transmite ao aluno um conteúdo fechado que é passado no espaço escolar e nele fica. E para refletir sobre as limitações desse modelo passo à turma o mesmo tema que é levado para casa do aluno e é explorado a partir das mídias e do auxílio dos familiares do aluno. Concluindo, vamos verificar quais pontos favorecem a interação social, as trocas, o uso da criatividade e pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Em 1970 Paulo Freire já falava em interatividade, termo que hoje é tão explorado e propagado em nossa sociedade. Para ele, a interatividade era produzida pelos significados estabelecidos para os indivíduos através da relação dialógica existente entre os meios de comunicação e o mundo. Freire acreditava que a educação não se dava somente nas escolas formais ou oficiais, mas também através dos meios de comunicação. Assim, incentivava o uso dos meios de comunicação e de informação em sala de aula, como recurso de aprendizagem significativa, acreditando que os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias de informação e comunicação não deveriam ser rejeitados no ensino formal, mas sim discutidos e enfrentados.

As novas tecnologias e a comunicação digital ditam mudanças no comportamento e na atitude, dentro e fora da escola. Roger Silverstone, autor do livro “Por que estudar a mídia”, afirma que os meios midiáticos exercem tamanha influência no nosso dia-a-dia que necessitamos de instrumentos de análise poderosos e sofisticados para avalia - lós:

“Devemos desenvolver estes instrumentos assim como novos princípios para a prática da educação para a mídia. Na minha avaliação, os jovens devem ser mais instruídos para lidar com o processo de representação da mídia. Capacitação que deveria fazer parte da educação básica, hoje e sempre”. (SILVERSTONE, 2006)

Por outro lado, a partir do momento em que uma pessoa aprende o manuseio da tecnologia, dos processos e da linguagem, seja de rádio, de TV, de jornal ou das novas mídias, ela passa a se sentir imponderada, sujeito ativo da ação, e inicia, ao mesmo tempo, um processo de democratização do acesso à comunicação e de desmistificação de seus instrumentos.

O objetivo em ensinar sobre a importância dos meios de comunicação na escola é fazer com que os alunos entendam melhor o porquê das notícias e como podem assimilar o que lhes é transmitido com uma visão mais crítica quanto à mídia e à sociedade em geral. Afinal, uma escola que se preze não pode mais prescindir do estudo dos processos comunicacionais. Ao defender que as instituições sociais, especialmente a escola, não podem mais postergar o estudo das mídias e nem deixar de incorporar tais práticas em sua vida cotidiana, Roger Silverstone assegura que nós precisamos compreender o processo de mediação, onde e como surgem os significados, assim como quais são suas consequências:

'Precisamos ser capazes de identificar os momentos em que o processo parece falhar, onde ele é distorcido pela tecnologia ou de propósito. Porque precisamos compreender sua política, sua vulnerabilidade ao exercício do poder; sua dependência do trabalho de instituições e indivíduos; e seu próprio poder de persuadir. A mídia é e sempre será importante. Ainda mais agora que ela está estabelecida como uma estrutura primária de nossas vidas para dar sentido ao mundo e nosso lugar nele. Poder nada inocente. Algumas vezes, benevolente, outras vezes, não (SILVERSTONE, 2006).

O aluno protagonista está inserido em todas as etapas de uma ação, está presente no planejamento, na execução e na avaliação e apropriação dos resultados desta ação. Para um jovem ser protagonista é imprescindível que a sua participação seja realmente interativa e comprometida e não apenas uma colaboração induzida, forçada. Nesta pesquisa o aluno tem o tema e questões relevantes ao seu entendimento transmitidos pelo professor em sala de aula e o leva para casa onde ajudado por seus familiares e pessoas de seu convívio que envolverá em sua busca por respostas, vai buscar informações em seu local de convívio e comunidade dados para ser divulgados a partir de um produto que possa ser divulgado em algum tipo de mídia que julgar mais adequado e que possa ser produzido por ele e pelos seus colaboradores familiares. É um trabalho em rede, pois não estamos trabalhando mais com 30 alunos como na proposta tradicional, em que o conteúdo é transmitido e assimilado em sala de aula de forma controlada e previsível e nela fica, mas com

toda uma comunidade de forma a não poder quantificar essa abrangência e como esse trabalho influenciará o meio em que foi produzido.

À medida que as pessoas se apoderam dessa linguagem, elas ganham mais confiança e passam a discutir a comunicação no seu âmbito, desenvolvendo aquilo que nós chamamos de ecossistema comunicativo (SOARES, 2009).

É um processo evolutivo que ao ser avaliado revela a ampliação de vocabulário e repertório cultural dos participantes, aumento das habilidades de comunicação e expressão, desenvolvimento de competências do trabalho em grupo, negociação de conflitos e planejamento de projetos.

3 METODOLOGIA

Em minha pesquisa o foco era trabalhar ciências com o tema animais com duas classes de segundo ano, da escola pública, de duas formas diferentes, primeiro tradicionalmente usando recursos como livros didáticos, paradidáticos, conceitos e avaliações da apreensão dos conteúdos de forma escrita ou por desenhos e depois de forma a envolver pesquisa, recursos midiáticos e uma rede de aprendizagem social familiar, onde o tema fosse apresentado e os alunos elaborassem com o professor, numa roda de conversa, questões a serem respondidas em casa e durante um prazo determinado de 15 dias e em seguida socializassem com os colegas o que descobriram através de vídeos, áudios, depoimentos, textos, desenhos e o que concluíssem com os pais e familiares o mais adequado, ficando a sua escolha e possibilidade o produto final. Deixei bem claro nessa segunda etapa que os pais, irmãos, poderiam ajudar e passei para eles a proposta impressa para que levassem para ser lida em casa.

Na primeira turma, apliquei a seguinte sequência didática com duração de 15 dias em que foram desenvolvidos os seguintes passos:

1º momento

- Dispor as crianças em roda e realizar a roda da conversa, explicar aos alunos que aprenderão durante algumas aulas diferenças e semelhanças que existem entre os animais.

- Ler o livro O OVO de Milton Célio de Oliveira Filho, interromper a leitura na página. De repente veio à vontade de romper a casca e colocar a cara para fora. Ploc! Ploc! Ploc! De quem seria o ovo?
- Pedir para os alunos que separem através de um BANCO DE PALAVRAS o nome dos animais que nascem através de ovos e que nascem da barriga da mãe. (anexo um)

2º momento

- Retomar o nome dos animais na lista de palavras dos animais que nascem através de ovos e discutir: De quem seria o ovo?
- Escolher na lista de palavras o nome do animal que acredita ser o dono do ovo e escrever utilizando o alfabeto móvel, em seguida pedir para contar o número de letras e separar a palavra em sílaba.
- Depois que os alunos realizaram suas hipóteses, a resposta estava dentro de uma caixa surpresa (tartaruga).
- Após explorar as características da tartaruga, realizar a escrita de uma FICHA TÉCNICA DO BICHO. (anexo dois)

3º momento

- Listar os ingredientes necessários para fazer uma omelete.
- Depois de ouvir a música OS OVOS DA GALINHA do livro Canteiros músicas para brincar, solicitar que a criança diga onde está escrita determinada palavra reconhecer as rimas nas estrofes da música.
- Seguir as instruções para realizar a receita de uma omelete.
- Explorar as características desse gênero de texto “receita”.
- Pedir aos alunos para observar a última sílaba da palavra OMELETE, escrever o nome dos desenhos que terminam com a mesma sílaba. (anexo três)
- Preparar a omelete na cozinha da escola. (anexo 4)

4º momento:

- Fazer a leitura do livro ANIMAIS E OPOSTOS do autor Sebastião Ranchetti observando comportamentos, formas e cores. Comparar as diferenças entre os animais identificando tamanho (grande/pequeno, alto/baixo, comprido/curto), movimento (lento/veloz) e hábitos (solitários/sociável).

- Após a realização da leitura do livro fazer algumas atividades sobre as características dos animais:
 - Dominó de animais;
 - Cruzadinha;
 - Caça-palavra;

5º momento

- Leitura dos poemas de A Z do livro BICHIONÁRIO do autor Nílson José Machado.
- Durante a leitura enfatizar o som da letra inicial e sílabas do nome dos animais.
- Explorar as rimas de cada poema.
- Propor um JOGO DA MEMÓRIA com alguns animais encontrados no livro.

No segundo ano onde a proposta era envolver as mídias e a rede de comunicação alunos /comunidade /familiares dispus as crianças em roda e iniciei uma roda de conversa com o tema animais. Perguntei as crianças quais animais conheciam e fui anotando na lousa, meu papel era mediar às informações e ser o escriba. Quais desses animais viviam em casa e quais viviam em outros lugares e quais lugares eram esses. Se eles conheciam os sons que os animais citados faziam. Conheciam-se alguma música sobre animais, cantamos alguns trechos. Perguntei se eles sabiam de coisas legais e coisas ruins que aconteciam aos animais. Eles citaram várias situações. Indaguei ainda se conheciam alguém que fazia coisas boas aos animais e que faziam coisas ruins também. Fui escrevendo.

Em seguida passei um pequeno bilhete para os alunos para que levassem aos pais. Li com eles. O bilhete dizia: Senhores pais, hoje na aula conversamos sobre alguns assuntos importantes com o seu filho e lhe mando um desafio: 1) Descubra que assunto foi esse. Peça que ele desenhe sobre o que foi falado na aula; 2) Peça que ele te conte o que desenhou; 3) A partir do que você descobriu vocês tem agora quinze dias onde vão pesquisar algo importante sobre esse assunto que falamos aqui e nos enviar; 4) Pegue essa sua ideia e mande para escola através de um áudio, um vídeo, uma fotografia, uma música ou algo que

possam produzir com os recursos que tem em casa e mande pelo seu filho para que ele possa nos contar o que aprendeu. Bom trabalho.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da sequência didática tradicional sobre animais culminaram como produto final confeccionar um livro de história “O mistério do Ovo” utilizando as digitais para ilustrar os animais e a retomada da escrita do nome de alguns animais.

Consegui com todo esse trabalho a execução de tarefas pré-estabelecidas com respostas esperadas e controláveis. Todos os alunos produziram um mesmo livro, com o mesmo modelo, com desenhos a partir das mãos e escrita de nomes. Não houve protagonismo por parte dos alunos, o estudo não envolveu questões que abrangessem o ambiente e a vivência do aluno e não houve espaço para ampliar questionamentos ou explorar curiosidades, não havendo impacto dos saberes sobre a comunidade, ficando estritamente dentro dos muros da escola as aprendizagens.

O professor nesse trabalho teve poder decisório quanto à metodologia, conteúdo e avaliação. Oportunizou a retenção das informações e conceitos através da repetição de exercícios sistemáticos (tarefas). Tratou a todos os alunos igualmente: todos deveriam seguir o mesmo ritmo de trabalho, estudar os mesmos livros-texto, no mesmo material didático e adquirir os mesmos conhecimentos. Aqui, a concepção de educação é caracterizada como produto, já que estão pré-estabelecidos os modelos a serem alcançados. Não se destaca, portanto, o processo.

A transferência da aprendizagem dependeu do treino, sendo imprescindível a retenção, a memorização, para que o aluno responda a situações novas de forma semelhante às situações anteriores. Em resumo, pode-se afirmar que nesta pedagogia há uma redução do processo educativo a, exclusivamente, uma de suas dimensões: saber.

No segundo ano que propus a pesquisa conversei com as crianças levantando os conhecimentos prévios, instiguei sua curiosidade, trabalhei a oralidade e a escrita, selecionei conteúdos e lancei um desafio para a criança e sua rede familiar. Li com as crianças a comanda e fiz com que pensassem quem poderia ajudá-lo a concluir a tarefa. As crianças ficaram alvoroçadas e perguntavam se podiam trazer a foto de seus bichos, se podiam filmá-las, se podiam contar uma

história, se podiam vir fantasiadas de bichos no dia marcado. E com os pais não foi diferente, choveram perguntas nos cadernos e vários me procuraram para tirar dúvidas, queriam saber se podiam vir cantar, se podiam vir contar histórias sobre animais para as crianças, trazer um vídeo de visita ao zoológico, se poderiam fazer uma feira de doação de animais, divulgar o trabalho do pet shop e várias outras coisas. Foi marcado o dia final e convidei os pais que quisessem vir à sala para ajudar o filho, nesse dia teve de tudo, trouxeram cachorros, tartarugas, pais contaram sobre maus tratos de animais, trouxeram fotos, falaram de quando viviam na roça, trouxeram sons de animais gravados e vídeos caseiros. Mas o que mais chamou a atenção foram o entusiasmo dos pais que contataram parentes e amigos, o esforço e interesse para conseguir trazer um vídeo, uma foto e a preocupação deles familiares passarem informações de zelo e cuidado com os bichos. Realmente um pequeno tema chegou à vida real do aluno e foi significativo para todos os envolvidos e não só para os trinta alunos da classe.

Não é difícil constatar, pela avaliação dessas práticas, que o trabalho feito cria um processo evolutivo, criativo, incluindo desde a ampliação do vocabulário e repertório cultural dos participantes, o aumento e fortalecimento das habilidades de comunicação, o desenvolvimento de competências de trabalho em grupo, de negociação de conflitos e planejamento de projetos.

O que ocorre é que “o trabalho com a criação de produtos de comunicação tende a subverter a lógica da escola, cujos produtos em geral têm pouca relevância social além do propósito de avaliar o desenvolvimento do processo de um ou de vários estudantes” (ROSSETTI, 2005, p. 15).

O fato de possibilitar ao educando a produção do material midiático e/ou pedagógico o faz se inteirar das novas tecnologias e desenvolver sua criticidade às mensagens veiculadas pelos meios ou, como define Citelli,

A repensar os “próprios modelos didático-pedagógicos, muitos deles presos, a concepções e mecanismos que não respondem mais às demandas sociais do nosso tempo” (2004, p. 153)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta não é como usar melhor as mídias, o rádio ou o jornal ou a internet, mas como utilizar esses recursos para melhorar as relações de comunicação. É

muito interessante hoje o fato de que a qualidade do ensino a partir da comunicação não depende do envolvimento da escola com classe social, dinheiro ou poder econômico. Uma escola muito pobre, em termos de recursos, pode ser muito rica em termos de comunicação. Por outro lado, as tecnologias estão ficando cada vez mais baratas e acessíveis. Vemos na periferia, por exemplo, o quanto as Lan Houses são frequentadas por jovens que moram em favelas e, no entanto, já são alfabetizados na internet. Nossa perspectiva não é da tecnologia educativa, é de impoderamento da comunidade. A comunidade é que se apodera dos recursos da comunicação, não só o especialista ou o professor.

O primeiro passo é muito simples: o professor deve se olhar e ver qual o seu perfil comunicativo. Como eu sou enquanto comunicador, que se expressa, que se relaciona? Quanto eu uso de rádio, de televisão, de jornal? A partir de esse olhar, o educador poderia começar a se interessar por algum tipo de leitura a respeito da relação comunicação e educação.

(...) Eu sou otimista em dizer que cada professor tem uma vocação para comunicação, caso contrário ele não seria educador. O que restringe o professor é uma didática muito amarrada e não permite que ele vá além daquilo que já foi estabelecido pela didática há muitos anos. É preciso experimentar novos trabalhos (SOARES, 2009).

É importante refletir sobre todos os tipos de comunicação que envolve o público que queremos atingir. Podem ser discutidos, por exemplo: 1) O tipo de comunicação interna na escola: como é e como deveria ser? 2) O tipo de comunicação que a comunidade escolar mais consome: rádio, TV, jornal, etc. como é essa comunicação e como deveria ser? (3) Quais são os temas e conteúdos que mais precisam ser divulgados e discutidos pela comunidade escolar? Como fazer isso para atingir nossos objetivos? Qual é o melhor meio de comunicação para isso? Como fazer para que todos participem? (Quatro) Como podemos fazer um meio bem dinâmico, de que todos gostem e participem? Uma vez definido esse plano, é hora de ir atrás de recursos e programar o trabalho, com o máximo de participação possível de todos os agentes envolvidos. E cada momento desses deve ser refletido e analisado por todos.

REFERÊNCIAS

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação. A linguagem em movimento. São Paulo: Editora SENAC SP, 2004. MATÍN-BARBERO, Jesus. De los medios a las mediaciones – Comunicaciones cultura y hegemonía. México, GG Massmedia, 1993. Pág. 153.

FILHO, Milton Célio de Oliveira. O ovo. 2010. Editor Globo

FREIRE, Paulo. 1979: *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 112 p.

MACHADO, Nilson José. Bilionário, poemas de A Z. Editora Escrituras. 1996.

RANCHETTI, Sebastião. Animais e opostos. 2011. Editora UDP.

ROSSETTI, Fernando. Mídia e Escola. Perspectivas para políticas públicas. Edições Jogo de Amarelinhas. São Paulo 2005, p. 15.

SHIMAZAKI, 2011. v1. n5 . A influência das redes sociais na rotina dos seres humanos.

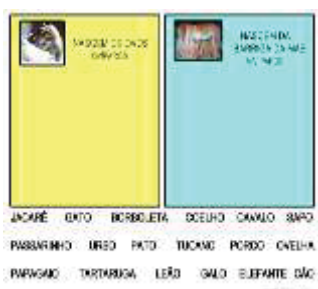
SILVERSTONE, Roger. 2006. Entrevista concedida a Marcus Tavares / Site <http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia/> JACQUINOT, Geneviève. O que é um Educador comunicador? In: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>, acesso 28/05/07

SILVERSTONE, Roger. 2006. “Por que estudar a mídia” 2006

SOARES, Ismar de Oliveira. 2009. Site Wikiducção: <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/ismarsoares-define-o-conceito-de-educomunicacao>. Acesso em 10/05/2010. ROSSETTI, Fernando. Mídia e Escola, 2005.

APÊNDICE A – ANEXOS

Anexo um



Anexo dois

FICHA DO BECHO

NOME: _____

ONDE VIVE: _____

COMO É O CORPO: _____

TEM AXAX? QUANTAX? _____

TEM PALAX? QUANTAX? _____

INFORMAÇÕES ENTERTENANTES: _____

Anexo três

O QUE PRECISAMOS PARA FAZER UMA:

 _____

INGREDIENTES:

 _____

 _____

 _____

 _____

QUAIS OS OBJETOS QUE USAMOS:

 _____

 _____

 _____

 _____

 _____

Anexo quatro

OMELETE

 1- PEÇA PARA O ADULTO RALAR O QUEIJO.

 2- QUEBRE OS OVOS EM UMA TIGELA

 3- COLOQUE UM POUCO DE SAL...

 4- E A CEBOLINHA PICADINHA.

 5- MISTURE BEM.

 6- COM A AJUDA DO ADULTO COLOQUE ESSA MISTURA EM UMA FRIGIDEIRA COM MANTEIGA QUENTE EM FOGO MÉDIO.

 7- PEÇA PARA O ADULTO VIRAR A OMELETE PARA DOURAR...

 8- É SÓ COLOCAR NO PRATO E SABOREAR!

ANEXO 4